

O trabalho em equipe na construção de uma Grande Reportagem Multimídia ¹

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho²

Francisco José Paoliello Pimenta³

Resumo: Os meios digitais possibilitaram o surgimento da chamada Grande Reportagem Multimídia (GRM), a qual impõe novas rotinas de produções nas redações de jornais como a Folha de S.Paulo e O Tempo. Para a construção de uma GRM, estão envolvidos jornalistas, *designers* e programadores, cinegrafistas, editores de vídeo e fotógrafos. O artigo apresentará pesquisa sobre a importância do trabalho em equipe para a construção da GRM, e a relevância de cada um dos envolvidos, a partir de entrevistas semiestruturadas com os profissionais dessas publicações. As bases teóricas são estudos sobre a convergência das redações e as consequentes novas rotinas de produção que envolvem diferentes profissionais. Concluímos que, apesar de alguns pesquisadores defenderem o profissional multitarefa, para uma GRM ser bem sucedida, é imprescindível um trabalho em equipe.

Palavras-chave: Grande Reportagem Multimídia. Convergência nas redações. Novas rotinas de produção. Trabalho em equipe.

¹ Artigo enviado na modalidade Rotinas produtivas na Era digital.

² Mestranda em Comunicação pelo PPGCom/UFJF. E-mail: marina_sad@hotmail.com

³ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor permanente no PPGCom/UFJF. E-mail: paoliello@acessa.com

INTRODUÇÃO

A tecnologia digital tem características próprias que permitiram aos meios, antes analógicos, reunirem-se em um mesmo suporte. No digital, os múltiplos códigos, palavras escritas, áudio, vídeo, foto, são apenas bits, 0 ou 1, propriedade conhecida como representação numérica. Outras quatro características do digital que promovem a reunião dos códigos são: modularidade, automação, variabilidade e transcodificação (MANOVICH, 2001).

No jornalismo, essas características permitiram o desenvolvimento da Grande Reportagem Multimídia – GRM (LONGHI, 2014). A partir de 2012, uma quinta versão do HTML e o design responsivo possibilitaram formas inovadoras de *design*, navegação e imersão do usuário, com uma leitura mais verticalizada e conteúdos acessados na rolagem da página. Além disso, passa-se a utilizar textos longos, ao contrário de especiais multimídia com o programa Flash, quando o conteúdo era trabalhado em fragmentos, dividido em seções. Na GRM, o texto longo é acompanhado de uma navegação mais imersiva, como em uma revista. É uma narrativa textual mais consistente, que responde ao questionamento sobre a qualidade diante da fragmentação dos especiais multimídia (LONGHI, 2014).

Para a construção dessas reportagens, há a necessidade de uma equipe multidisciplinar que trabalhe com o novo ambiente multicódigos (PIMENTA, 2016). Entram em cena repórteres, jornalistas de vídeo, infografistas, *designers* e programadores para desempenharem novas rotinas de produção no contexto das redações convergentes.

Apesar de existirem autores que defendem um jornalista multitarefa, neste artigo, a hipótese é a de que uma GRM de sucesso depende do trabalho em equipe. Além da revisão de literatura relacionada à convergência na redação que impulsiona um trabalho em conjunto, realizamos, como teste empírico, entrevistas abertas e semiestruturadas com profissionais envolvidos na construção da GRM nos jornais

Folha de S.Paulo (seção Tudo Sobre⁴), e O Tempo, de Belo Horizonte (seção Especiais⁵). As entrevistas foram feitas em novembro de 2016, nas redações, e, por Skype, em janeiro de 2017.

REDAÇÕES CONVERGENTES

São muitos os conceitos de convergência jornalística encontrados na academia. Salaverría, Garcia-Avilés e Masip (2010) listam três escolas, as quais surgiram em ordem cronológica, considerando a convergência como produto, sistema e processo, respectivamente. A primeira analisa a convergência de tecnologias a partir da digitalização, sem pensar nos âmbitos empresariais ou profissionais. Já a segunda reúne várias faces da convergência que se interconectam e se influenciam. A última também a considera como um sistema, mas a percebe como um processo gradativo com várias etapas até a integração total.

Existem ainda escolas teóricas com base nas convergências tecnológica, empresarial e profissional (SALAVERRÍA; GARCIA-AVILÉS; MASIP, 2010). A primeira considera a união entre empresas de comunicação e telecomunicação, com a fusão de serviços e mercados, e os conteúdos digitais distribuídos por diversas plataformas. Na empresarial, as fusões e aquisições promovem a diversificação da produção, com a adoção de uma promoção cruzada (cross-promotion): a utilização de textos e recursos visuais como forma de publicidade de produtos de um meio associado. Já a profissional diz respeito aos fluxos informativos que viajam por diferentes meios para um maior benefício econômico. Haveria uma comunicação multiplataforma, diferentes tipos de informação distribuídos no meio em que melhor se adequam, cooperação e colaboração entre meios e partes das empresas jornalísticas. A convergência profissional abarca ainda a convergência na produção e distribuição.

⁴ Disponível em <<https://goo.gl/y3rJFE>>. Acesso em 31 dez. 2016.

⁵ Disponível em <<https://goo.gl/tpo9F5>>. Acesso em 31 dez. 2016.

A cooperação entre diferentes redações e meios pode ser dificultada pelas diversas culturas profissionais, pois jornalistas de suportes diferentes trabalham em conjunto. Outros problemas seriam: falta de treinamento, de recursos econômicos para mudanças, de renovação tecnológica dos equipamentos e a carga de trabalho excessiva. O profissional do jornalismo, neste contexto, é polivalente, com habilidades de produção para diferentes meios, além de conhecimento de edição de vídeo, *layout*, publicação na *web*, fotografia ou locução, entre outras.

A partir de uma visão da convergência como um processo, García-Avilés, Kaltenbrunner e Meier (2014) analisaram os níveis de convergência em três empresas jornalísticas: El Mundo (Espanha), Die Welt (Alemanha) and Der Standard (Áustria). A análise ocorreu a partir de três modelos de convergência: integração total, mídia cruzada (*cross-media*) e coordenação, modelos que não se concretizam de forma pura⁶.

Na Integração total, há uma matriz de organização com seções fortes e um processo de planejamento orientado pelo tema, com uma maior transparência dentro da redação e com o público. A qualidade é ameaçada pela rapidez do *online* tanto no ritmo de produção quanto na definição dos fluxos de trabalho nas redações. A mídia cruzada sustenta uma dupla estrutura, com ênfase nas plataformas. A coordenação possui foco na melhoria delas de forma isolada por meio de estratégias econômicas e editoriais. Os modelos são analisados a partir de 12 descritores estudados dentro de cinco áreas com papel central no desenvolvimento da convergência.

No El Mundo não há mais fronteiras entre impresso e *online*, já que os jornalistas do primeiro devem contribuir com o segundo. Esses profissionais, com múltiplas habilidades, apuram com várias ferramentas e constroem matérias com diversos elementos ou adaptam o conteúdo para diferentes plataformas. O acúmulo de habilidades permite mais controle sobre o produto final, mas também pode gerar sobrecarga com procedimentos técnicos. Todos se sentam lado a lado e são distribuídos em seções de acordo com a área de especialização. Curiosamente, os

⁶ O estudo citado é uma atualização de pesquisa publicada pelos autores em 2009 (García-Avilés et al, 2009).

profissionais que se saíram melhor com os diferentes estilos de jornalismo foram os mais experientes e os correspondentes.

Seguindo na mesma tendência de integração total, no Grupo Welt, 120 dos 550 jornalistas foram transferidos para uma grande redação central com foco no digital. Segundo o editor chefe, com todos no mesmo espaço, é possível conversar, ver o que o outro está trabalhando e, assim, cooperar. Já o Der Standard, que assumia uma postura mais de coordenação, tenta seguir para uma integração total, por pressão do mercado, pensando em “Cooperação mais que fusão”. O vice-editor chefe diz que, por enquanto, há bastante comunicação, mas pouco trabalho em conjunto.

JORNALISTA MULTITAREFA OU TRABALHO EM EQUIPE?

Os estudos de convergência apresentados sugerem a figura de um jornalista multitarefa, com múltiplas habilidades, produzindo conteúdos distribuídos por diferentes canais. No entanto, uma pesquisa de Hofstetter e Schoenhagen (2016) apontou problemas. Foram realizadas entrevistas em seis redações, que produzissem, no mínimo, um jornal impresso diário e combinassem, pelo menos, duas plataformas. Passaram pelas entrevistas editores chefes, jornalistas e o CEO da empresa de mídia principal, além de jornalistas que deixaram as redações durante ou após a reestruturação.

Os entrevistados consideraram que a união em um mesmo espaço ajudou a superar os fluxos divididos e melhorou a cooperação. Embora os jornalistas de quatro redações usem câmeras e *smartphones*, a qualidade dos vídeos geralmente não é suficiente para a publicação e, por isso, a ideia do jornalista multitarefa foi reformulada. Segundo os repórteres, há uma expectativa irreal, como se tivessem uma competência apurada para várias habilidades. Os repórteres especiais, usualmente do impresso, reclamam que sua rede de fontes está diminuindo por falta de tempo para manter um relacionamento.

Por outro lado, há espaço para maior qualidade e apurações mais profundas, pois se gasta menos tempo com notícias de rotina. Além disso, existe a cobertura de mais tópicos por causa da maior colaboração. Estas vantagens, no entanto, dependem de recursos humanos, que, em muitos casos, têm diminuído. Os entrevistados acreditam que ter múltiplas habilidades é um diferencial que deixa o trabalho mais interessante, embora temam se tornarem generalistas sem qualidades para produzir reportagens exclusivas e profundas.

Já autores como Souza (2017) e Kischinhevsky (2009) condenam de forma veemente o que consideram a exploração do profissional, obrigado a assumir múltiplas tarefas. Souza (2017) discorre sobre o capitalismo em sua fase atual, com empresas de múltiplas mídias, plataformas e tarefas que exigem um profissional heterodoxo e multitarefa. Para ele, a globalização tecnológica e a mercantilização trazem fragmentação, além de precarizar a contratação e remuneração. Os jornalistas precisam, assim, dominar todo o processo, a jornada de trabalho é ampliada com as redes sociais, as plataformas móveis e o trabalho em casa, e o trabalho *freelancer* enfraquece os laços trabalhistas oficiais.

Para Kischinhevsky (2009), no Brasil, as múltiplas habilidades são, na verdade, múltiplas funções, pois as empresas não querem oferecer treinamento aos profissionais, apenas contratar os que já possuem conhecimentos de edição ou programação de áudio e vídeo, o que impede o desenvolvimento de habilidades. O autor reitera que, na cobertura multiplataforma, o jornalista está como em uma “gincana”, precisando apurar em tempo hábil para meios com horários de fechamento diferentes, abrindo mão da profundidade.

Kischinhevsky (2009) conclui que a convergência pode dar certo desde que ocorra um trabalho colaborativo, com condições e salários condizentes ao trabalho de repórter multimídia, além de punições para empresas abusivas. Seria necessária, também, uma modificação dos cursos de jornalismo, ainda focados no jornalismo em uma única mídia ou voltados apenas para a técnica.

Já Renó e Renó (2015) relembram também que “(...) o jornalismo sempre foi interdisciplinar na sua realização, na sua construção e na sua reprodução. É uma

atividade de equipe, com diversidade tecnológica e múltiplas línguas. Por esta razão, não aceitar a diversidade profissional é uma incoerência difícil de explicar” (Renó; Renó, 2015, p. 134, em uma tradução livre).

Para os autores, as novas narrativas, e aqui incluímos a GRM, solicitam uma aproximação entre o jornalista e o profissional da tecnologia que pode acontecer em uma redação interdisciplinar. Eles sugerem que cada envolvido use suas habilidades, de acordo com sua formação, e também uma reformulação no ensino, como propõe Kischinhevsky (2009), associando jornalismo e tecnologia.

Canavilhas *et al* (2014) defendem a presença de “tecnoatores”, programadores e *designers*, que se preocupem principalmente com a tecnologia, tendo em vista a sua rápida evolução, em lugar de profissionais híbridos. Essa nova realidade estaria presente em reportagens multimídia como a Snow Fall⁷, que promoveu o início da GRM na sua forma atual (LONGHI, 2014).

Para compreender o papel de cada um, Canavilhas *et al* (2014) estudou o jornal *online* português Observador, a partir de um grupo focal com um jornalista, um *designer* e um programador da publicação, e concluiu que existem culturas diferentes dentro da redação com o único objetivo de melhorar a experiência do usuário. O programador preocupa-se com a rapidez no acesso; o *designer*, com a melhoria da usabilidade e com um conteúdo mais apelativo, enquanto, o jornalista, com a informação contextualizada e de credibilidade. O jornalista ainda seria central, mas depende cada vez mais dos “tecnoatores”.

Por outro lado, pesquisa realizada por Ito e Ventura (2016) nas redações dos jornais Estado de São Paulo e UOL aponta que, aliado ao trabalho em equipe, é importante que os jornalistas tenham, pelo menos, noções da tecnologia. O estudo sugere que profissionais multiespecializados (jornalistas ou não), com conhecimentos em áreas variadas, como jornalismo, estatística e programação, são valorizados. No Estadão, há uma equipe destinada a jornalismo de dados, por exemplo, e alguns infográficos são apurados e construídos por outros profissionais, mas revisados por jornalistas.

⁷ Disponível em <<https://goo.gl/C9tAsn>>. Acesso em 27 mai 2016.

[...]. O jornalista atualizado, que está a fim de entrar na brincadeira, ele está antenado com a tecnologia. Ele não precisa ser um às, ter um domínio técnico sobre como funciona tudo, fazer vídeos... Mas [é bom] entender o conceito. Ele deve entender qual é o melhor jeito de contar a história usando os recursos que existem hoje” (TOZZI apud ITO; VENTURA, 2016, p. 154).

COMO ACONTECE NA FOLHA E EM O TEMPO

O repórter especial da Folha, Marcelo Leite, que coordenou várias reportagens de “Tudo Sobre”, diz que, na seção, a ideia é tentar uma integração plena entre os códigos.

Então, isso envolve uma série de decisões sobre o que colocar no texto, o que apresentar no vídeo, o que reservar para a fotografia, para as legendas. E isso não pode ser só o repórter de texto a decidir. Ele tem que discutir com o editor, com o responsável pelas imagens, quais infografias.

Assim, para o repórter especial, o trabalho em equipe é essencial. Por isso, Leite relata que há encontros para reunir profissionais de diferentes setores para discutir a matéria. Editores de vídeos, por exemplo, podem sugerir as imagens para o audiovisual, como as de cobertura para um entrevistado que fala sobre determinado assunto. Segundo Leite, muitas vezes, um repórter de texto nem imagina que tais imagens sejam necessárias.

Além disso, como coordenador, Leite tem acesso a todos os elementos e, assim, junto com o fotógrafo e o editor de imagem, decide quais fotos serão utilizadas e em que formato. Também assiste aos vídeos após a edição, junto com o editor e, eventualmente, com o fotógrafo ou cinegrafista que fez as imagens e o editor de arte, o qual verifica onde esse código será posicionado na GRM. Junto com o repórter e o editor de arte, Leite opina sobre a construção das infografias e da programação. Por fim, o coordenador edita todo o conteúdo de texto.

O repórter colaborador Marcelo Soares tem uma visão similar. “Nestes especiais em que a imagem, o vídeo, todos estes elementos são muito fortes, não tem como não

trabalhar junto para não ter redundância”, opina. Segundo ele, o manual da Folha já orienta: o que pode ser dito em imagem, não deve vir em texto. Ele ressalta que deve haver muita coordenação entre os elementos e, portanto, de toda a equipe.

O editor de vídeo Douglas Lambert diz que, para realizar seu serviço em A Batalha de Belo Monte⁸, contou, principalmente, com a parceria do coordenador Marcelo Leite. Douglas assistiu todas as gravações e descreveu as cenas filmadas, colocando em uma tabela entregue ao coordenador. Após ler todo material, Leite apresentava as ideias de vídeo, que Douglas montava e passava para o pessoal de *Design* e Desenvolvimento posicionar na página.

Já os profissionais de *Design* e Desenvolvimento, que trabalham também com a programação, relatam que, durante a produção da GRM, os envolvidos discutem com a equipe possibilidades de artes, infográficos, *layouts* e animações. A interação entre todos é necessária, pois os programadores precisam avaliar a viabilidade das ideias propostas.

O ex–editor adjunto de arte Mário Kanno considera tão importante o trabalho em equipe que, para ele, as matérias da seção “Tudo Sobre” não funcionam na estrutura hierarquizada tradicional. Segundo Kanno, apesar de existir um chefe, as responsabilidades são compartilhadas e há maior compromisso; cada um dos envolvidos possui um talento que apresentará soluções diferentes. “É o mais próximo do que vamos ver nas empresas que estão dando certo”, conclui.

Em O Tempo, o trabalho em equipe parece ser uma dificuldade maior. A função de organizar os diferentes profissionais, assim como os códigos que serão produzidos, é da coordenadora de *cross media*, Karol Borges. Ela utiliza o Google Drive para compor um esqueleto da reportagem, monta uma pasta de fotos e adiciona informações sobre onde serão posicionadas, e os repórteres acrescentam seus textos para edição. Na pasta, também são colocados dados para as artes, a cargo do *designer*.

⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/rQehXz>>. Acesso em 31 dez. 2016.

O secretário de redação Murilo Rocha considera o trabalho em conjunto importante principalmente na hora de definir os diferentes códigos da reportagem, devendo incluir os repórteres, a partir do que apuraram, além dos profissionais de arte. “Às vezes, temos ideias que parecem mirabolantes [para a construção da GRM], achamos fantástico, mas não tem como executar”, explica.

A repórter multimídia Nathália Oliveira relata que exerce suas funções em conjunto com diferentes profissionais, ouvindo o fotógrafo e o *designer* para a produção, gravação e edição dos vídeo e videográficos. Ressalta, ainda, a importância do Google Drive, por meio do qual todos podem sugerir a utilização dos códigos.

No entanto, para a repórter do impresso que também produz multimídia Joana Suarez, o trabalho em equipe se limita ao planejamento da reportagem, quando há uma reunião para se pensar como será a GRM. Fora isso, ela diz que não sobra tempo para acompanhar a edição dos vídeos realizada pelos fotógrafos, por exemplo. Para ela, esse produto é apenas do fotógrafo que realizará a edição e nem sempre reflete o que havia imaginado, pois “é ele que está pensando em como vai fechar o vídeo”.

O fotógrafo e cinegrafista Lincon Zarbiatti, no entanto, ressalta o trabalho conjunto, tanto do repórter para as gravações, quanto do fotógrafo para a apuração. Segundo ele, em conjunto com a equipe do portal, avalia como será o layout da reportagem e como serão posicionados foto e vídeo. Após a troca de informações, todos têm a chance de mudar de ideia sobre o que apresentar por meio de cada código. O problema, segundo ele, é raciocinar sobre os diferentes ângulos da filmagem e prestar atenção no que o entrevistado diz para facilitar a edição posterior, além de “pensar em uma foto que seja plasticamente bonita e que passe a mensagem do texto do repórter”.

Já as *webdesigners* Aline Medeiros e Larissa Ferreira relatam que, a partir dos temas dos especiais, orientam repórteres e fotógrafos na produção das reportagens, porque, segundo elas, os jornalistas ainda estão muito imaturos em projetos da *web*. “No futebol, por exemplo, precisamos de muitas imagens, e, então, eles levantam as

imagens. Ou, então, falamos: ‘esse tipo de modelo de navegação, por exemplo, vocês devem usar menos texto, mais imagens’”, explica Larissa Ferreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia digital resultou em redações jornalísticas convergentes com a mudança da lógica de produção de um único meio para a multiplataforma com diversos códigos. Se é discutível a figura do jornalista multitarefa no jornalismo factual, conforme aponta a literatura, na GRM, devido à sua extensão e profundidade, é mais impensável ainda uma produção que não seja em equipe. Todas as entrevistas realizadas na Folha, que parece tentar um modelo de integração total na execução da GRM, apontam para a extrema importância da equipe na utilização dos códigos que melhor representam os temas, sem que haja redundância. Na Folha, os profissionais não acumulam funções e, no máximo, o fotógrafo também realiza algumas filmagens.

Já em O Tempo, cujo modelo é mais de coordenação entre diferentes mídias, o trabalho em equipe não é tão bem sucedido, o que acaba sobrecarregando os profissionais e resultando em matérias muitas vezes redundantes. Nelas, as especificidades de cada código deixam de ser plenamente aproveitadas e ocorre simplesmente uma adaptação do impresso, com o acréscimo de múltiplos códigos. A repórter Joana Suarez, por exemplo, reclama que não tem tempo para um trabalho pleno em equipe e que continua exercendo apenas sua função original de escrever, não se vendo envolvida com os vídeos. Já o fotógrafo Zarbiatti precisa editar vídeos, acumular a função de cinegrafista, raciocinar sobre os diferentes ângulos da filmagem, prestar atenção no que o entrevistado diz, além de pensar na estética e no conteúdo da foto.

Diante disso, concordamos que o jornalista pode ter uma noção de diferentes áreas para exercer a profissão, o que deve ser até incluído nos currículos dos cursos de

jornalismo, como alguns autores sugerem, para facilitar o trabalho em conjunto. No entanto, observamos que apenas o trabalho em equipe, com o compartilhamento de habilidades, é capaz de resultar em uma GRM profunda e de qualidade, que aproveite todas as características disponibilizadas pela tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, J.; SATUF, I.; LUNA, D.; TORRES, V. Jornalistas e tecnoatores: dois mundos, duas culturas, um objetivo. **Esferas**. Ano 3, n. 5, p. 85 a 95, Julho a Dezembro de 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/KMtRhD>>, acesso em 14 set. 2017.

García Avilés, José A., Klaus Meier, Andy Kaltenbrunner, Miguel Carvajal, and Daniela Kraus. 2009. "Newsroom integration in Austria, Spain and Germany. Models of media convergence." *Journalism Practice* 3 (3): 285–303. doi:10.1080/17512780902798638. Disponível em: <<https://goo.gl/FST5zQ>>, acesso em 14 set. 2017.

García-Avilés José A., Andy Kaltenbrunner & Klaus Meier (2014) Media Convergence Revisited, *Journalism Practice*, 8:5, 573-584, DOI: 10.1080/17512786.2014.885678. Disponível em: <<https://goo.gl/PUjgcj>>, acesso em 14 set. 2017.

HOFSTETTER, B.; SCHOENHAGEN, P. When Creative Potentials are Being Undermined By Commercial Imperatives. **Digital Journalism**, 17 Mar 2016. Disponível em <<https://goo.gl/9jh9ef>>. Acesso em 14 set. 2017.

ITO, L. de L.; VENTURA, M. de S. A Reportagem Multimídia Interativa: inovação, produção e monetização. **Brazilian Journalism Research**. V 12, n. 3, p. 140-159, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/EgvEDD>>. Acesso em 14 set. 2017.

KISCHINHEVSKY, M. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

LONGHI, R. R. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro/dezembro, setembro/dezembro 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/eghbqp>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

MANOVICH, L.. **The Language of New Media**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2001.

PIMENTA, F.. **Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante**. São Leopoldo, Unisinos, 2016.

RENÓ, D.; RENÓ, L. Las nuevas redacciones, el 'Big Data' y los médios sociales como fuentes de noticias. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 21, n. especial dezembro, p. 131-142, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/adGsVi>>, acesso em 14 set. 2017.

SALAVERRÍA, R.; GARCIA-AVILÉS, J. A. & MASIP, P. (2010). Concepto de convergencia periodística. In: García, X.L. & Fariña, X.P. (Coords.). **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España**. Universidade de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, p. 41-54. Disponível em: <<https://goo.gl/4spS7E>>, acesso em 14 set. 2017.

SOUZA, R. B. R. de. As mutações no mundo do trabalho do jornalista e suas contradições: uma perspectiva ontológica da crise do jornalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017. São Paulo. **Anais eletrônicos**. São paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/5jGn5Q>>, acesso em 14 set. 2017.